



O COSMOPOLITA

Orgão dos Empregados em Hotéis, Restaurantes, Cafés, Bars e Classes Conjengeres

ANO II — N. 38

Publica-se aos sábados

Rio de Janeiro, 3 de agosto de 1918

REDAÇÃO

RUA DO SENADO, 215-217
Telefone — Central 1499

NOSSA ATITUDE

Vamos pela ultima vez occupar-nos, em artigo de fundo, do já tão falado caso das eleições para a nova administração do Centro Cosmopolita.

A nossa attitude em face dessa questão parece que surpreendeu a alguém que não sabe por que sentimos a necessidade de publicar um órgão da classe e para que trabalhemos ainda para manter a sua publicação. Essa surpresa não tem justificação, porquanto si todos os que ultimamente, arrastados por varios motivos, se tem occupado das questões da classe, conhecessem a nossa vida associativa, não seriam surpreendidos e, com certeza, haviam de achar muito lojica e muito coerente a nossa attitude.

O nosso criterio a tal respeito é sustentado de acordo com as bases do Grupo Editor, e com as nossas convicções.

E, note-se, não ha nisso nenhum personalismo, o que ha é simplesmente um natural partidario, no terreno das ideias. Nós, ao contrario do que por ai se diz, temos tratado essa questão com muito tino e com a consciencia plena das nossas responsabilidades, discutindo-a em teze, sem nos preocuparmos com personalidades. O resultado das eleições, constitue para nós fatos concretos ante os quais nos encontramos e com os quais não concordamos.

O que primeiramente deviam ter feito os que costumam fazer critica a priori, era verificar os motivos pelos quais estamos em perfeita concordancia com a tendencia renovadora que no Centro Cosmopolita se verifica em prol do aperfeiçoamento dos nossos metodos de luta e procura dar ao Centro uma feição definida.

Se eles houvessem procedido dessa forma, investigando as causas antes de criticar os efeitos, não seriam tão injenuamente surpreendidos...

Antes de publicar-se O COSMOPOLITA já no Centro existia uma minoria que pensava, e não concordava com a pasmaceira das diretorias, que não davam ouvidos ao clamor da classe oprimida. Foi do esforço empregado por essa minoria ativa que nasceu O COSMOPOLITA. Contra a vontade manifesta dos elementos conservadores e sob a pressão injustificada da directoria que nessa época dirigia o Centro, iniciou-se a publicação do órgão da nossa classe que com bastante sacrificio se tem sustentado, devido à má vontade com que foi recebido pelos que não veem com bons olhos anunciar o começo de uma era nova, e temem ser cegados pelo sol da liberdade que se aproxima.

O COSMOPOLITA é por tanto filho dessa tendencia que ultimamente tanto tem dado que falar. E' o esponente do modo de pensar da minoria revolucionaria que não mede sacrificios nem olha as más

consequencias que lhe possam advir dos seus jestos libertadores.

Logo, qual devia ser a nossa attitude? Colocarmos-nos ao lado daqueles que representam ideias e defendem principios, aos quais pertencemos, ou defender os que sem ideias nem convicções tem feito do Centro um campo de exibição, menosprezando os interesses mais elevados da coletividade? Acuzam-nos de provocadores de uma cisão na classe. Como admitir tal infamia?

Quem mais do que nós tem trabalhado pelo congregarmento da classe?

Quem tem gasto mais energias do que nós na propaganda associativa? Nós queremos e trabalhamos pela união da classe, entretanto discordamos dos meios de que outros pretendem servir-se para realizar esse objetivo.

Queremos a união, mas uma união que, quando se torne necessario, represente uma força efetiva de homens concientes, capazes de lutar para ser livres ou de morrerem para deixar de ser escravos. Que importa termos a classe unida sobre bases doentias, sobre metodos deficientissimos e já falidos, que não poem a serviço dela a força necessaria da consciencia de classe? Que importa que a classe em pezo contribua com a mensalidade para o Centro, si não se lhe desperta o sentimento de rebeldia, si não se lhe estimula o sentimento de dignidade, si enfim, não se lhe indica um caminho amplo para as reivindicações dos seus direitos?

O COSMOPOLITA propaga ideias e observa principios, e coerente com essa orientação, está de pleno acordo com os descontentes, com os que aspiram viver uma vida mais completa, mais ampla, em suma com os «massimalistas». O massimo das conquistas coletivas é tambem do seu programa.

A policia, os tribunais e as przois, em vez de prevenir e curar o crime, fomenta-no e desenvolve-no, o que aliaz lhes é vantajoso; e mesmo nos atos anti-sociais, são so severidade para os pobres, mas passa-culpas para os ricos e influentes.

Vida cara! Vida cara!

E' o estribilho da moda.

E nada... Ninguém se decide. Todos reclamam, todos resmungam, todos protestam pelos cantinhos. Por aqui... e por ali... E todos acham oportuna a riação. A riação franca, decisiva...

Mas...

Envai-se dia a dia, hora a hora, minuto a minuto, segundo a segundo, a esperança injenica na ação dos granddços da governança... Valha-nos isso... Roma não se fez num dia... Mais hoje... mais amanhã... Hein?... Sim... Mais hoje, mais amanhã... E o Commissariado da Fome? E o Codigo do Trabalho? E a Patria? E... Pst... Bico... Silencio... Vai falar a Historia...

JENTE INUTIL

O mais imbecil burguez sabe que a rua do Ouvidor começa no largo de S. Francisco (ou acaba, pouco importa). Pois bem: certo dia, eu, passando por aquela rua, casualmente a principio e depois propositalmente, fui passando em revista toda aquela jente, jente fina, da alta roda, jente mediocre, cobotinos, homens de letras, paucos burqueses trezandando á banha de porco, que sei eu, a toda a corja que veste seda e cazimira fina, finas prostitutas de alta sociedade com seus vestidos decotados, ponda á mostra, aos olhos lubricos dos debochados, pescocõs tartrinos ou delgados, brancos e bem tratados, denunciando uma vida que passa entre o toucador e a rua.

Passa aqui um funha, cara enrugada e pequena, franziva, metida nuns oculos tao grandes como a dita, provavelmente miope e funcionario, estragado pela vida sedentaria da repartição, imagem fiel daqueles celebres tipos postos em cena pela pena admiravel de Zola.

E' um destes sujeitos que dizem que o operario não precisa se trajar e aprezenar nas condições em que nós somos forçados, pela nossa posição social: a ele basta uma camizeta, não precisa de colarinho nem gravata e pode ir descalço para o trabalho que ninguém faz reparo, mas nós...

Ouçõ ao lado uma fraze: V. Escia se interessará por mim... volto-me e vejo ao lado um conhecido senador, es-prefeito, bigodes retorcidos, enfim, pessõa que denota que viveu bem a vida á custa de milhares, centenas de milhares de produtores, que como recompensa, veem os preços dos jeneros subir ex-candalozamente, para gaudio da magna catterva detentora do poder.

E o que assim implorava a sua proteção era um sujeito algo parecido com a flugça ca-guincha (o terno é do Astrojildo) e mesquinha do portento e formidavel injetor da corajem, o redator-chefe do «Pirata», o grande patriota Barata.

Ao pé de um café elegante divito o homem das revclucõs e das bombas, o sordido agente provocador e metingueiro, o mais vil tipo criado pela organização social atual, o secretario Marcos de Brito, naturalmente estendendo o anzol em procura de algum peixe.

Eis que roga por mim uma elegante dama, vestida de veludo azul, produzido por quem talvez soffresse miseria naquela ocasião, cheia de joias e berloques, prendendo a atenção dos parazitais encostados ás cantarias das cazas comerciais. Uma chusma de basbaques, de queizeo e nariz no ar, leem nos placardos dos jornais ouvidorarios, as noticias fresquinhas sobre a carnificina hedtonda que assola a Europa civilizada á força de canhão.

Abram caminho! eis que passa o bastante rotundo elefante, o carca João do Rio, transpirando inutilidade por todos os poros. Realmente, João do Rio é um ente inutil ao povo: é um parazita.

Honesta sociedade burgueza reúne-se ao derredor das mezas da Pascoal, enchendo melifluamente o pandulho de gulozimas, emborrachando-se lentamente com delicadas bebidas alcoholicas, rindo-se da vida, triunfadores nesta sociedade imunda e corrupta, enquanto a eterna besta de carga moureja nas officinas e nos campos, martires ignorados, triturados nas engrenagens da máquina social, pobres párias que não sentem o ar livre, não comprehendem a luz do sol, os verdadeiros e desgraçados constructores da civilização.

E eles passam e tornam a passar, roliços e rozados, unhas brilhantes e cerebros obtusos. candidas donzelas carminadas e provocantes, segredando: «vamos ao Alvear...» (que não paga aos garçons) todo um regimento, um bando, uma corrente que, aliás, tão facilmente poderia ser desfeita pela cólera popular, numa rajada revolucionaria, que varresse da superficie do globo a cambada reluzente e farta que habita os palacetes e faz a avenida. E não se duvide que os horizontes se turvam e a tempestade se aproxima.

Adobus

CENTRO COSMOPOLITA

Pede-se aos companheiros que tem em seu poder livros da biblioteca, virem entregalos o mais breve possível, em vista de estar a mesma em reorganização.

O Bibliotecario

A REVOLUÇÃO RUSSA

(VISTA POR UMA FRANCEZA)

Quinta-feira, 7 de Março. — O sol brilha; doce é o tempo: 3 ou 4 graus, apenas, abaixo de zero. A neve funde sobre os parapecitos das janelas e sobre os balcões tocados pelo sol. Não é ainda o dejlo, mas com ele podemos contar em breve.

Toda a jente está fóra. Ha como que uma alegria primaveril no ar.

Eu vim de automovel até as primeiras cazas da Morskaja (rua do Mar). Percorro, agora, a pé, a linda Perspetiva Newsky. Pelas 4 horas, um pouco fatigada de andar, tomo o primeiro bond que passa, para me dirigir á Sadovaia (rua dos Jardins), onde encontrarei meios directos de locomoção. O bond está cheio. Tudo tem o aspeto dos dias ordinarios.

Apenas, uma multidão um pouco mais abundante, mas cuja presença se explica e justifica pela suavidade da temperatura, vai e vem ao longo das arterias. Nada faz prever que caminhemos para uma revolução sem exemplo na historia da humanidade. A altura de Nossa Senhora de Kozan, vejo uma turba enorme e ouço gritos. No bond todos se ajitam. Cada qual procura ver, atravez as vidraças ainda foscas por um resto de neve, o que se passa lá fóra. Eu pergunto:

— Que será?

— São os operarios das uzinas Poutiloff que se declararam em greve e reclamam pão. Acabam de fazer uma manifestação á Duma.

Sob essa apparencia de greve, a revolução russa começava... Quazi simultaneamente, interrompe-se o curso aos bonds; cavaleiros galopam á direita e á esquerda da linha; chegam os Cossacos, fuzil ás costas e na mão o sabre. Acima da população se destaca o penacho negro dos cavalarios policiaes. Os grevistas passam serios e dignos, acompanhados da policia. Segue-se uma multidão lançando aos arés repetidos «hurrahs».

Deixo o bond para misturar-me com o povo.

Nenhuma dezordem. Dir-se-ia um dia de festa.

Nas fisionomias não se notava a minima inquietação. Cruzam-se reflexões, favoraveis aos operarios:

Eles têm razão. Ha quem occulte a farinha! A vida está dura de mais; entretanto na Russia ha de tudo!...

Não se pode tolerar mais...

Hontem uma deputação de obreiros das uzinas Poutiloff foi á casa de Goutchkoff, e teve depois uma entrevista com os deputados do partido social-democrata da Duma.

Decidiu-se nessa ocasião a cessação do trabalho, hoje.

A par do que se via na de Newsky, grandiozas manifestações se desenvolvem na Perspetiva Samsniewsky e ao longo do cais de Viborg.

Nestas tomam parte os operarios das fabricas. Um vento revolucionario passa já sobre a cidade. Eu continuo a avançar. A ponte Antichicoff e a entrada de todas as ruas que conduzem á Perspetiva Newsky estão guardadas pela policia, que dispersa todos os agrupamentos.

Na Perspetiva Litiény, uma das mais populares de Petrogrado, a multidão é tão densa que não consigo abrir uma passagem.

Ainda assim não ha perturbacões de ordem. Não se sabe ainda o que quer o Comité da Greve. Ha como que uma concentração: espera-se... Diz alguem:

— Eles quizeram manifestar-se para prestigiar a Duma; amanhã voltarão ao trabalho.

Mas una vo responde: — Como voltariam ao trabalho? — Falta-lhes até o carvão! Isto irá longe!

Emocionada pelo espectáculo dessa turba, por sua calma, prehe de resolução, eu torno a subir a Sadovaia.

A noite se aproxima. Eu me sinto cansada. Moro lonje, proximo do Teatro Maria (Marinsky-teatre), em caza de uma amiga franceza — espoza de um oficial da marinha russa — que se inquietará pela minha ausencia. E quem sabe si, mais tarde, conseguirei alcançar a caza?

Na Sadovaia, a mesma multidão. Os trancays não circulam mais.

E' impossivel achar um isostchik (cocheiro). Depois de longa espera, avisto um trenó vazio. Corro... Mas um homem, mais rapido,

tomou a frente e aboletou-se na estreita almofada.

O trenó vai partir... Irrefletidamente lanço um apelo desesperado: «Pajalousta, vospittie minia!» (Conduza-me, eu lhe supplico!) Volta-se o homem que tomou o trenó e faz um jesto de assentimento. De um salto eu me ponho ao lado dele e o ligeiro carro desliza sobre a neve, sob os olhares surpresos dos espetadores. E' o rapto torçado. Mas que quem? Não estamos no preludio da revolução? Enquanto eu me desculpo e esplico vai-nos o trenó transportando para rejões mais calmas.

Eu e meu companheiro arriscamos algumas previsões. Ele cre numa revolução imediata. Realmente tem-se sotrido demais. Alem disso, o povo está cansado de jermanofilia de seus governantes. Está empenhada a luta: mas quem terá a ultima palavra? Ele recorda 1905: o povo indo ao Palacio d'Inverno, levando os icones e o retrato do Imperador; a Constituição concedida e negada depois, pouco a pouco.

Desta vez é de temer que o povo não tenha confiança sinão em si mesmo; e si triunfa, que não pare no meio do caminho... Contudo nenhuma ameaça foi ainda proferida contra o Imperador. O quarteiro de Marinsky está tão pacifico e silencioso, que eu creio haver sonhado.

Em caza já se inquietaram por mim. Sou eu a primeira a trazer noticia dos acontecimentos que, pela manhã, nada fazia ainda prever.

Os revolucionarios guardvaam bem o seu segredo...

(Continúa).

AS GREVES EM FRANÇA

O n.º (de 30 de Junho) da Aurora, do Porto, chegou esta semana ao Rio, contém noticias dum grande movimento grevista, que desconheciamos inteiramente, verificado em França no mez de maio. As noticias da Aurora, sensacionalissimas, foram, por sua vez, collididas em Solidaridad Obrera, de Barcelona, em artigo firmado pelo camarada M. Buenacasa, «testemunha ocular» dos acontecimentos. O governo francez havia chamado ás fileiras do exercito todos os licenciados das classes de 1911, 12, 13 e 14, inclusive os empregados nas industrias de guerra. Foi quando a Federação da Construção Civil do Sena lançou o grito de greve, nas suas 32 seções.

Eram, de começo, 50 mil grevistas. Entre as exigencias destes, oocnerentes a aumento de salarios, figurava esta: a questão da paz imediata... O governo, é claro, pelo braço mercenario da policia, ia cometendo toda a sorte de violencias. A Construção Civil pediu então (duas semanas já se tinham passado) o auxilio de outras classes. O auxilio não se fez esperar: assim, no dia 20 «cessou o trabalho» — conta Buenacasa em todas as grandes fabricas do departamento do Sena, que trabalham para a guerra, acendendo, por isso, na quarta-feira seguinte, (dia 22), a trezentos mil o numero de operarios que, em Paris e seus arredores se declararam em greve por solidariedade.

Continúa Buenacasa: «Nesse mesmo dia, pela tarde, num comicio realizado em Nanterre — que foi dissolvido pela policia — mas a que assistiram mais de 180 mil operarios, o delegado das organizações do departamento de Loire annunciou que tambem se havia declarado ali a greve jeral, em todos os ramos de industria, incluindo as proprias minas. Todos os oradores atacaram rudemente o governo, sendo aprovada no meio do maior entusiasmo, a seguinte ordem do dia: «Abaixo a guerra! Viva a união dos Povos!» O tigre Clemenceau, diante desse despertar soberbo e ameaçador, não poupo meio de repressão. Em nome da Liberdade fizeram-se prizois em massa, de militantes. O Echo de Paris, do patife do Barrès, noticiava: «Clemenceau está no firme proposito de envolver todos os revolucionarios num processo de intelligencia com o inimigo». E eis ali tendes noticia da grande greve do proletariado francez, em maio ultimo. A imprensa burgueza guardou silencio em torno dela, — o que não impediu que annual viessemos a tomar conhecimento dos fatos, prova de que ao cabo são de todo inúteis tais velhacarias e manobras dos grandes órgãos burguezes de... «informação...» Como inutilissimas hão de ser, ao cabo, todas as perseguicões de todos os tigres governamentais: o proletariado ha de pronunciar a ultima palavra. Quando os tigres da Russia, que eram os tigres mais cruéis e ferozes da burguezia, tiveram as garras quebradas...

Transcrito da CRONICA SUBVERSIVA.



A INEZISTENCIA DE DEUS

Suponhamos que existe um Deus criador e governador dos mundos, Todo poderoso e muito justo. Este Deus nos criou e nos governa.

Existimos porque ele assim o quiz. Somos tal como ele quiz, o que quer e quererá.

Fez ele o mundo em que vivemos. Deu-nos nossos sentidos e nosso espirito, nossos meios de perceber e de raciocinar; ha previsto nossas necessidades, nossos desejos, nossas impressões, nossas vasculações. As circunstancias que determinam nossas vontades são por ele queridas. Limitou nossas liberdades como quiz. Dejeja, pois, cada um de nossos pensamentos, cada uma de nossas intenções, cada um de nossos atos.

Ante Deus Todo poderoso, criador e governador, o homem é irresponsavel. Deus não pode recompensar nem castigar, porque seria injusto e absurdo.

E vós ainda dizeis que Deus criador e governador é justiceiro, e o declarais perfeito!

Considerai bem a ineptia desse Deus reduzido a por-nos á prova afim de poder distinguir os que foram feitos bons e os que foram feitos máus; véde a inhabilidade deste governador que não sabe melhorar-nos, e notai a injustiça, a crueldade o absurdo deste Deus criador e governador, que nos castiga por nos haver feito e governado mal.

O Deus criador e governador não pôde ser justiceiro.

O Deus justiceiro nega as perfeições atribuidas ao Deus criador e governador; sobretudo nega seu Todo poderio e sua infinita sabedoria.

O Deus criador e o Den; governador.—Deus governador demonstra á evidencia impericia do Deus criador.

Si o mecanismo do universo fosse perfeito, seria superflua a ação de um Deus governador. Deus governador não serve mais que para reparar, por uma ação constante e com o aussilio de sucessivos retoques, os defeitos da obra do Deus criador.

O Deus de infinita bondade, o bom Deus.—Todo poderoso podia ter-nos criado bons. Criou bons e criou máus, felizes e infelizes.

Não fao dos bens e dos males desta vida. Per grande que ela seja, não é nada absolutamente nada, em comparação com a vida eterna. Refiro-me ao paraizo e ao inferno.

Os teologos de todas as religiões de orijem biblica, de todas as religiões dos povos chamados civilizados, estão de acordo em afirmar que o numero dos eleitos será pequeno e que o numero dos condenados será imenso. Ha motivos para deplorar-se o haver nacido, deplorar ser homem e ter uma alma imortal.

Deus podia não nos haver criado. Deus criou-nos.

Deus podia criar não mais que os bons. Podia admitir-lhes diretamente em seu paraizo sem fazer-lhes sofrer uma estancia dolorosa sobre um pequeno planeta mal repartido, pertencente a um pobre sol perdido na infinidade dos mundos. E não o fez.

Compreende-se que um Deus infinitamente bom tenha empenho em encher um inferno? A quem beneficiaram os tormentos dos condenados? A Deus? Aos eleitos? Aos anjos?

A quem, pois, quando não existam mais seres?

Deus se vinga. E' mau.

Na rialidade os homens atribuem a Deus um sentimento humano, um sentimento animal. A vingança é util ás especies animais, sobretudo ás sociedades animais.

Na abelha, que morre por haver picado, a vingança é admiravel: a mais pura das atnegações.

Em Deus é particularmente odioso, porque é inutil e sem perigo.

Os espiritos relijiozos muito ilojicos, ensinam ao mesmo tempo que Deus é infinitamente bom e que se vingal

«Vingança, prazer dos deuses», dizem os pagãos. Conservamos muita coisa de paganismo.

O Deus que povoa o inferno nega as perfeições do bom Deus, nega seu Todo-poderio e sua infinita sabedoria, nega, sobretudo, sua bondade.

Julio Carret

Operarios: — adquire o quanto antes uma ou mais ações do jornal para trabalhadores que vao ser dado á publicidade nesta capital.

MISSIVAS DESTOANTES

ao ABILIO LOBO

(ULTIMA)

... E vou terminar porque já se me vai escapando a oportunidade. E a oportunidade é um complemento de assunto... Um complemento valioso. Talvez mais que valioso. Valiosissimo. Sorris? Não faz mal... Quem sabe se voltarei ainda a endereçar-te outras missivas? Sim. Quem sabe?

— Mas que digam alguma coisa... objectar-me-as envaidecido, sem reparares que foi o lado grotesco da situação, em que te encontras, entre perniciosas voluptas — e a tua attitude ridicula, malvada, — ajeanua, sinão unica, pelo menos principal, da forma pela qual tenho rabisado estas fatilidades... De fato não tenho dito coisa alguma. E foi esse o intuito que me levou a occupar, sem proveito algum, as colunas d'O COSMOPOLITA...

Afigura-se-me que estou ainda a ver-te naquela noite em que foste á Construção Civil com o proposito firme de convencer a assembleia do seu erro gravissimo, aprovando, como aprovára, as bases apresentadas pelo camarada Anastacio, tendo até cometido a grande incoerencia de dispensar a leitura dos estatutos reformados pela comissão para esse fim nomeada, aos quais querias tu, então, adicionar, como substitutivo, dois artigos ou paragrafos, ou coizi parecida...

E o que me levou a contestar-te não foi uma questão de estatutos. Foi a maneira revoltante porque te referiste ás intensões do Anastacio e á sua pessoa como militante. As justificações á que procuraste dar todo relevo, com floreios de linguaagem e afirmações descobidas, identificam-se bem com o teu modo de ser e de sentir. E ali estavam os mais pitorescos aspectos, a irretar-me o sistema nervoso, e o do proprio Anastacio que tu supunhas, ou erias auzente...

Não foi boa a minha contestação. Dominava-me a indignação. Mas tambem não foi má. Podia, porém, ter sido melhor. E selo-ia-

Tu, ali, naquela noite, não eras sómente o enviado afine, o emissario conciente, simbolizavas tambem a passividade, o retardamento, a tranzjencia necessaria, o contraproducente ardil, e a tatica-idiota — cumulo de todas as vergonhas — de que vos fizestes apostólos e propagadores.

S. Barboza

Lérias e Trêtas

Ha dias saí do meu modesto serviço quotidiano, e despreocupado passava pelo largo de S. Francisco, quando fui abordado por um colega que sem mais formalidades, me interrogou: «Não sabes da ultima do Alvear?»

Eu que acabava de sair do meu serviço, e nada sabia, respondi: «Não».

Pois vou contar-te, disse-me o colega. E contou-me, então, a seguinte historia:

«Como toda jente sabe, a caza Alvêor & Cia., alem de não pagar aos seus empregados um ceñil, ainda os obriga a firmar um contrato em que os infelizes ficam sujeitos ao pagamento, no fim de cada mez, da louça quebrada, material dezaparecido e as flôres diariamente.

Os garçons sentindo-se dezumanamente explorados, fizeram grêve e abandonaram a caza. E lá estão os proprietarios arvorados em garçons.

— Fizeram muito bem, disse eu, e depois de mais quatro trêtas, despedi-me do colega e continuei o meu caminho, pensando no interessante cazo.

Não me admirava dos garçons abandonarem a caza, isso era natural, mas o senhor Alvear decer do seu alto grau de enjenheiro inventor de acroplanos (e seja dito de passagem, liriaia grande partido sobre os seus empregados) e fazer uma atterrizagem até á «mesquinha» posição de criado?

Sempre pensando no cazo cheguei ao meu apozeno. Mudei de roupa, enverguei o meu falo de ir á missa vêr a Joana e diriji-me á Sorveteria Alvear, só para sentir o prazer de ter por algum tempo ao meu serviço, como criado, o senhor Alvear. Cheguei, entrei e tomei assento a uma das mezinhas.

Com alguma demora fui atendido e servido por um garçon de estatura regular, bigode raspado, e fino de corpo. Eu não linha bem a certeza se era ele. Estava indeciso. Nisto enlra um cavalheiro de fino porte e dirijindo-se ao meu criado:

— Como vai amigo Alvêor?

Estava satisfeito. Paguei a despeza dei a classica gorjêta e sai...

Alfom

NOS AMBITOS DA ALVEAR MAU CHEIRO VERZUS ELEGANCIA

You-te, Lalau!

(O TITULO E OS SUBTITULOS SÃO NOSSOS!!!)

Surrupiamos semcirimoniozamente d'A Epoca de domingo ultimo, todo este mauanual de humorismo, renatado por arrobos frivolos de mascarada indignação... sobejamente comum á imprensa do patriotismo e das negociatas.

«E não cheirava. A principio, mal se sentia, pairado no ambiente, aquele vago odor que, de tão vago, parecia quasi agradável. De vez em quando, uma dama mais senzível levantava a cabeça aspirado o ar, com um olhar que bem demonstrava uma inensa estranheza. Mas, a azafama dos alfabetos apressados e pressurozos, o numero de pessoas distintas que a cada momento entravam e saiam pelas duas alas laterais do estabelecimento, o lindo aspeto das salas ladeadas de espelhos, das mezas, onde uma sociedade fina finamente bebericava e comia coizas finas, tudo isto distraia a atenção do publico.

Mas o cheiro imperceptível pouco a pouco aumentava de intensidade, crecia, em ondas largas, tomava o ambiente: Agora já em cada meza os convivas mais intimos se faziam mutuas censuras com olhares de repressão. Senhoras mais edozas, curvavam-se para as representantes da nova jeração, meninotas, naqueles momentos dificeis, córdias natural e artificialmente, que apenas balbuciavam, entre perturbadas e indignadas:

— Que ideia, mamã!

Pessoas de mais cerimonia, abancadas por cortezia á mesma meza, evitavam olhar-se, conztranjidas; e era com angustia dolorosa que todos procuravam assunto para manter animadas as palestras, que caíam lamentavelmente.

Enuagito isso, o mau cheiro aumentava. Já havia quem sentisse no chá, nos doces, nos «bambons», o «gosto» daquele fétido, por um conhecido tenomeno de relação entre o olfato e o paladar. Agora, já toda a jente torcia o nariz, agitava lenços, sufocada. Começavam os protestos incoñtidos, aqui e ali.

— E' impossivel!

— Não se pode respirar!

— Oh, porco!

Toda a caza fervia em exclamações mais ou menos inconvenientes.

Afinal começou a debandada.

Damas espavoridas, palidas, em rapidos passinhos saltitantes, fugiam. Outras com a natural irreflexão da idade, abafando ao mesmo tempo os rizes e os narizes nos minusculos lenços rendados, saíam em grupo, aos cochichos. Todos se atiravam sofregamente para as saídas, para a Avenida, para o ar livre!

E só um ou outro cavalheiro, parando um momento á porta, entrava repentinamente, acovelando os que se escapavam.

Os donos da caza, aflitos e nervozos, andavam de rosto voltado para o ar, entre as mezas:

— De onde vem?

— Parece que é daqui...

— D'aonde?

— Debaixo da orquestra.

E lá iam os proprietarios, cheirar, averiguar.

Mas não. Até ali o cheiro parecia mais suave.

E procurando sempre, atarantados, os donos da Sorveteria percorriam todo o estabelecimento:

— Algum cachorro, hein? quem sabe? aventou um deles.

— Cachorro? Qual! Dessa raça não os conheço eu! Só se foi algum camêlo que entrou encolhido... Dizem que é o animal que mais tede.

Nesse momento, na propria calçada da Avenida, em frente á Sorveteria, ninguém podia passar.

Como de um predio incendiado se escapam, pelas portas de repente abertas, grossas massas de negro fumo enovelado, tambem assim ondas inviziveis de mau cheiro saíam da conhecida caza elegante, estontendo, perturbando, sufocando.

Afinal, um dos socios, com a vo rouca, a fronte livida orvalhada de suores frios, gritou:

— Cá está o horror!

E levantava nas mãos nervozas um pequeno frasco cheio de essencia fluida de ovos podres que em ciencia se chama acido sulfídrico e que a quimica formula com os sinais SH 2.

E mais dois frascos foram ainda encontrados...

E... brrrm! Salve-se quem poder! Um... dois e... tres: fogo!

«Que fôra? uma vingança torpe dos garçons despedidos ha dias do simpatico estabelecimento, ao que se supoi.

Na verdade não se compreende tão estúpido, e tão mesquinho ato, de tão baixa, de tão sórdida vileza, sinão oriunda de um odio implacavel.

E quem poderá testar a tal ponto a popular sorveteria, sinão os «garçons» ha poucos dias dispensados do serviço da caza?

A policia foi aprezenhada queixa».

Para rematar assim (riam mais, riam!):

«Quanto ao estabelecimento, foi lavado hontem mesmo com agua de Colonia, do chão ao teto. Esse trabalho obrigou a firma á compra de doze litros de perfume. Apesar disso, á noite, na caza chic, horas depois de succedido o fato, ainda errava no ar, ténue, vago como um raio de luar coado pela neve o cheiro, o cheiro fatal, o cheiro terrivel.»

— Ha! ha! ha! ha! ha!

E agora, após tão boa, tão salutar dezopilação, ajoelhem-nos, contritos, e louvemos a São Boa Jezus de Cerra-a-cima por não ter o acreditado orgam das novidades... formulado um conceito «seguro» assim deste tamanhinho: — «Os autores da fedorenta obra, da cityanica infamia, são eles! eles, sim os iconoclastas da rua do Senado! sim, eles os perversos da ordem, da moral e da razão...»

Pelo sinal, da Santa Cruz... Ha! ha! ha! ha! ha! ha!

Sobre a nova Russia

IMPRESSONANTE ENTREVISTA

O que é hoje o grande paz e o que são os bolshevik

Vocês recordam-se duma noticiazinha que demos, ha mezas, sobre a chegada a um dos portos do pacifico (nos Estados Unidos do Prezidente Wilson) dum transporte russo massimalista — o Shilka — cuja viagem aquele paz tinha o escopo de contratar advogado-com o fito de ser conseguida a liberdade de muitos camaradas que ainda hoje, provavelmente, se encontram recolhidos ás democráticas e wileanescas masmorras; — e lembramos se tambem da prisão dos operarios que foram saudar a tripulação do Shilka? Pois bem: o comandante desse barco concedeu a um jornalista cubano uma interessante entrevista, que, transcreveremos no numero que vem.

Nós... e as gralhas

Intruzas, irritantes, malvadas mesmo, as bichanas ten-mo deixado de edra a banda. Tem-nos feito cair por nós abaixo, como diria, sem a menor semcerimonia, o velho Acacio...

Que horror! Virgulas deslocadas, titulos empastelados, subtítulos truncados, periodos mutilados, o diabo! E porque não as sentimos evosçoar por cima da meza da revista ou arrifar as penas sobre as caixas dos tipos?... Só depois, só muito depois, e sob um alarido ensurdecedor... a escaracterem de nós...

Quando se decidirá o Ilmo e Gramaticissimo Sr. De Dônduquestradozorio, a enviar-nos um ultimatum duplo ou uma mensajen zinha innocente?..

O povo russo está no periodo supremo da Revolução Social.

E' nestes momentos que mais necessaria se torna, para etc, a solidariedade dos outros povos. E' o momento em que a imprensa livre tem a necessidade inludivel de desenvolver a propaganda de a imprensa burgueza vem realizando para desprestijjar e difamar o grandizo feito historico.

Não é possivel aguardar o triunfo completo da Revolução, para reconhec-la. A Revolução se desenvolverá e seu triunfo só se completará quando todos os povos fizerem seu o grande exemplo do povo russo.

O COSMOPOLITA

O COSMOPOLITA para viver precisa do concurso de todos os seus amigos.

A assinatura paga pontualmente é o aussilio mais eficaz que lhe podem prestar.

Assinatura anual: 5\$00C.

A' marjem da panacéia

Muito se tem dito e escrito sobre a momentosa questão que ajita de alto a baixo a sociedade: o Codigo do Trabalho. Dum lado temos a admirar as quixotescas fitas coloridas dos deputados Mauricio de Lacerda e Nicanor do Nascimento, que retumbantemente se balem pelo operariado; doutro lado temos os ignorantes do que seja a organização do trabalho e suas consequências: sabicholas e bachareis, doutores e juriconsultos, que querem evitar as grêves como o pensou o deputado Sampaio Corrêa, — pela pena de 6 mezes de prisão, como si elas fossem o produto caprichoso dos cerebros ezaltados de agitadores profissionais, desconhecendo portanto o descontentamento produzido pelo miseravel salario, pela estupidez dos industriais, pela oppressão rezultante da organização social atual.

A imprensa, «devotadamente» ao lado do operario, trombeta diariamente a necessidade que ha, de termos «o nosso» Codigo do Trabalho.

O Codigo, dizem, virá regularizar a vida e as relações entre operarios e patrões.

E a «Gazeta de Noticias», que manhozamente se coloca no terreno da defeza do proletariado, choraminga em artigos de fundo sobre os discursos desconecosos e bestialojicos dos Tiburcios e Serapiões do «paltrorio» nacional.

O sr. Alcides Maia, que faria melhor escrevendo livros, justificando o telegrama do sr. Borjes de Medeiros, diz que «sendo o capital social na sua orijem e não podendo deixar de ser social nas suas applicações, etc. etc., prova que só tem estudos superficiais d'uma questão que só poderá ser rezolvida eficaz e definitivamente pelos proprios trabalhadores, partindo do principio de que «ninguém melhor que o profissional conhece as necessidades que sente, rezolvendo de acordo com elas as questões que o interessam».

De fato as applicações do capital social — dinheiro, que, segundo os defensores da ordem atual é a mola r.al da sociedade — são feitas pelos donos da terra sem a consulta ao produtor, parte integrante da sociedade, que deste capital social só percebe o escassamente preciso para não estourar de fome, canalizando-se todo o lucro para as burras dos capitalistas.

Bela applicação social do capital não ha duvida, que permite a um Trajano de Medeiros atrazar o pagamento dos operarios em 2 mezes, emquanto aumenta o ordenado do jerenle, zelador dos seus interesses. E viva o pozitivismo!

Outros deputados mascarando o seu odio ás classes trabalhadoras com o amor á patria, tem a audacia de afirmar, como o fez o plutocrata Alvaro de Carvalho, de que os operarios que não estão com a guerra (que só a eles, os negociastas, beneficia) são traidores á patria.

Mas, ficará a questão social rezolvida, com a aprovação e ezequção do Codigo ou de leis especias?

Como isso só ataca os efeitos e deixa impunes as causas, estamos convencidos que podeis fabricar quantos codigos quize,des, quantas leis entenderdes que nunca rezolvereis a questão social, que será rezolvida apesar das vossas leis; contra as vossas leis e as instituições vijentes, mão grado todos os impecilhos que antepondes á marcha da Revolução Social que, produto da Evolução, não pode ser retida por codigos ou regulamentos.

Esta é a nossa palavra.

Companheiros!

Subscrevei o emprestimo lançado pelo Centro Cosmopolita.

Precizamos honrar a confiança que nos depositaram as associações coirmãs.

Cada ação custa 10\$

Vida da classe

NOTAS DIVERSAS

No ultimo numero d'O COSMOPOLITA, por falta de tempo, não publicamos o resultado das eleições realizadas em 20 do p.p., para a nova administração do Centro. Essa irregularidade não é produto da nossa intransigência, porquanto essa satisfação não poem em duvida as nossas convicções. Hoje porém, dispondo de mais tempo, vamos publicar o resultado eleitoral, isto é, nomes dos diretores eleitos, por maioria de votos:

DIRETORIA

PREZIDENTE

Alvaro Pereira Bastos

VICE-PREZIDENTE

Manoel Carvalho

SECRETARIO

Antonio Rodrigues Moreira

2. SECRETARIO

Mario Ferreira Magalhães

TEZOUREIRO

Ipproprio Gonzales

2.º TEZOUREIRO

Jezus Bouzom Ricòm

PROCURADOR

Justino Pereira de Pinho

BIBLIOTECARIO

Julio Augusto Pinheiro

Conselho de Administração

- 1 Pedro Souto
- 2 Manuel Domingues
- 3 Antonio de Souza e Silva
- 4 Manoel Vidal Alvarez
- 5 Jozé Groba
- 6 Massimino Quintella
- 7 João Domingos Rodrigues
- 8 Jozé Iglesias Esteves
- 9 Evaristo Fernandes

Comissão de Sindicância

- 1 Jozé Dias Fontinha
- 2 Massimino Rodrigues
- 3 Constantino Teixeira
- 4 Jayme Gonzalez
- 5 Elizio do Nascimento

Comissão de Contas

- 1 Celestino Campos Peres
- 2 João Gonçalves Reis
- 3 Manoel Soto

Comissão de Beneficência

- 1 Serjio Branco
- 2 Francisco Ribeiro
- 3 Emilio Lorca Mednia

São esses os companheiros designados para dirigir os destinos do Centro no proximo ano administrativo. Comentários já os temos feito demaziadamente durante o curto prazo de tempo em que nos ocupamos desse assunto. Esperemos, que esperando o tempo passa.

A proposito da cealeuma levantada em torno das eleições para a nova administração do Centro, o camarada Raymundo realizou em 29 do p.p. uma palestra sob o tema, « As duas tendências ». Disse que a desinteligência manifestada entre as duas correntes que discordam dos meios a empregar na luta contra a exploração patronal não é um mal como muitos companheiros pretendem fazer acreditar.

Pelo contrario, mal seria si essa divergência não se houvesse manifestado no terreno das ideias, porquanto isso provaria que nada tinhamos evoluído desde a nossa fundação.

Justifica a ineficácia dos metodos estabelecidos pelos nossos estatutos e ataca a ideia de se organizarem dois sindicatos em separado de caixeiros e cozinhos. Essa ideia, sim, que constitue um perigo para a nossa organização.

Afirma que o unico mal que ha nessas lutas internas é a maldade de varios companheiros que fujindo á discussão em teze, das questões, personalizam e levam a coiza a ponto de se esquecerem que todos somos companheiros. Nada de sindicatos, por que estamos longe de poderlos sustentar.

O Centro pode ter uma orientação de verdadeira associação de classe. Para isso torna-se imprescindívelmente ne-

cessario reformar os nossos estatutos, que na data presente são um freio terrível ao desenvolvimento intelectual da classe, privando-a de adquirir novos conhecimentos para lutar.

Ha camaradas que ainda, como diretores, se guiam pelos preceitos draconianos estabelecidos na nossa « carta constitucional ». Daí resulta essa luta estabelecida entre os que deixam á margem, os estatutos e se guiam pela lição dos fatos.

Definiu com cerra da argumentação as duas correntes que diverjem de orientação no Centro Cosmopolita, e disse que devemos trabalhar pela conquista massiva dos interesses coletivos. Não ha outro caminho a seguir, se não queremos ser surpreendidos pelo futuro. Terminada a palestra falaram varios camaradas sobre assuntos gerais.

..

No dia 30 do mez findo realizou-se no Centro Cosmopolita uma assembleia de socios quites. Os motivos dessa assembleia eram dar plenos poderes á nova administração para retirar o dinheiro do Banco Ultramarino, liquidar a Apolice da divida publica e os fundos de reserva depositados na Caixa Economica.

A assembleia aprovou unanimemente essa autorização.

..

No dia 31 do p.p. foi empossada a nova administração do Centro. Para esse fim realizou-se uma concorridissima sessão solene onde estiveram representadas todas as organizações proletarias do Rio. Todos os proletarios que falaram representando suas classes, fizeram votos para que os novos diretores continuassem a obra começada.

Nos poucos momentos da nossa vida nos temos sentido tão felizes como nesse dia em que os trabalhadores organizados do Rio, orientados pelas mesmas ideias de emancipação e guiados pelas mesmas aspirações de justiça e liberdade, vieram trazer-nos o calor das ideias renovadoras, que ajitam o proletariado moderno. E' admiravel a coerdenação de ideias, propagadas pelos representantes proletarios, que em momentos de opressão, em que se pretende amordaçar a voz dos oprimidos, aparecem sobre todas as dificuldades e sobre todos os perigos inquitórios anunciando o triunfo da justiça. Nós agradecemos a todos os homens dignos que vieram ao nosso seio trazer-nos o calor das ideias de libertação humana e desejamos que cada vez mais se tornem mais efetivos os sentimentos de solidariedade entre os explorados da Terra.

..

Na rua do Hospicio 136, ha um pasteleiro que tinha como seu empregado Constante Martins. Esse pasteleiro, que tem todos os caracteristicos do tipo que Lombroso descreve nas suas obras de criminologia, um belo dia entendeu de dar umas bofetadas ao « humilde » empregado. Entendeu de da-las e deu-as.

O empregado « humilde » apanhou e aguentou calado.

Mas concerteza depois de haver saído para a rua é se lembrou que era socio do Centro Cosmopolita, e portanto tinha o direito de apelar para essa instituição. Procurou então seus diretores, e apresentou queixa do patrão que lhe tinha dado umas « gallutas ». Pobre infeliz! Apanhas umas bofetadas de um canalha e ainda tens a paciência de esperar pela intervenção juridica a teu favor! Francamente que não merces tal auxilio. Si tu houvesse quebrado a cabeça do patife na mesma ocasião de seres esbordoado e a policia te prendesse, então sim, que eras um homem digno e merecedor de qualquer sacrificio do Centro.

Mas da maneira por que procedeste: não, deves calar-te muito satisfeito, lastimando a tua covardia.

..

O movimento realizado pelos nossos camaradas da sorveteria Alvear foi um belo jesto de ousadia. No começo, esse movimento parecia representar os sentimentos de todos aqueles homens que se haviam sujeitado á baixeza de assinar um contrato imoral que degrada e avilta os sentimentos mais respeitáveis do homem livre. Entretanto não demerou

Muito bem!...

Sob a epigrafe: « Injustiças no teatro », escreveu a « Epoca Teatral » de 27 do mez findo:

« O capitalismo — a grande prepotência da Ambição, que transformou toda a sociedade do nosso tempo num feudo miseravel do Ouro — o capitalismo que domina hoje onde quer que domine o esforço do homem — esse trafico e irreparavel capitalismo não esquece, como era de esperar, o mundo das artes e não esqueceu o teatro.

Ainda no ultimo numero notavamos qua insignificante era o ordenado dos figurantes e coristas nos palcos do Rio e S. Paulo. Tambem al nessa oficina de beleza, e nessa escola de costumes, os que mais trabalham não são os que mais ganham. Os empregarios pagam-lhes ordenados irrisorios e se lhes triplicam o trabalho com o rejimen das sessões é para triplicar... os lucros da empresa apenas.

O abuzo porém é maior ás vezes! e os pobres artistas em muitos cazos não percebem os já « parcimoniosos » vencimentos, desde que os espetáculos por qualquer motivo, não deem os lucros de — « encher o olho, que sonham seus diretores.

E não ha contratos, nem leis, nem meirinhos, nem policias que garantam a retribuição do esforço alheio, que devertá ser tão sagrado como é a propriedade, e com mais razão filozofica do que ela? (*)

Francamente... achamos que é já tempo dos artistas pensarem nas inconveniências dum tal rejimen...

E' tempo já de que protestem em massa contra os processos burguezes, como já o fizeram, fazem e farão os explorados de todo o mundo »

(*) A nosso ver o que os trabalhadores de teatro em geral tem a fazer, não é esperar por coiza alguma das leis, dos meirinhos ou dos policias, mas confiar apenas no esforço proprio, ajindo por si mesmos, dirétamente, junto aos Honradissimos Senhores Emprezarios, fazendo assim valer os seus direitos e sobretudo a sua dignidade de jente do trabalho, que não pode ter condescendências para com aqueles que vivem de suor alheio, dezenvolvendo dest'arte o sentimento da individualidade, procurando, todos, unificar-se, elevar o nível moral e intelectual de cada um, fazendo-se mais zelozos para consigo mesmos, mais concientes da sua condição social, e mesmo da profissional, fundando uma associação inovadora, por assim dizermos, de educação racional-artístico-sociologica, fóra do titicio amparo da Lei, baseada unicamente na força de vontade coletiva, no desejo comum de engrandecer á classe — sem menosprezar as outras classes de trabalhadores, delias se afastando ou delias se distinguindo — obrigando, então, os empregarios a cumprir todos e quaisquer contratos impondo-se aos mesmos no tocante a ordenados, espetáculos por sessões, etc. etc.; não tendo nunca em conta que a propriedade é sagrada, quando a propriedade é um roubo. A propriedade privada, é claro.

E quo melhor não seria trocar os cafés pela associação-escola, substituir o alcool pelo livro, a pretensão pela cultura-artística, a vaidade pelo estudo, o cabotinismo pelo aperfeiçoamento do « eu », o sonho da gloria, da celebridade, pelo sonho anarquico que, na frase do imortal Emile Zola, é o « sonho sem duvida mais alto, mais ativo, e que doçura a de abandonar-se á esperança desta harmonia da vida que, entregue ás suas forças naturais, espontaneamente daria a felicidade..

Vian

em manifestar-se a traição infame de alguns indecentes e canalhas. Fomos informados que um desses que atraçou o movimento, tem a sua proposta, já paga, na secretaria do Centro Cosmopolita.

Nós achando que o Centro não deve ou não pode ser capa de patifes e traidores, por uma questão de moralidade, deve ser terminantemente recuzada a sua entrada para socio.

Sabemos tambem que na Alvear está trabalhando atualmente um socio do Centro, que rompeu o pacto de solidariedade, indo trabalhar para uma caza cujos empregados se achavam em greve e o Centro tinha intervido devidamente na questão.

Esse individuo é um tal Alberto Sanchez, que para dignidade do Centro e da classe que este o representa, deve ser quanto antes eliminado como traidor. Devemos selecionar. Fóra os patifes, vendilhoís da nossa dignidade.

CENTRO COSMOPOLITA

A Caixa de Rezistencia

Quando mais intensa ia a campanha do Centro Cosmopolita pelo cumprimento da lei do descanso semanal, foi lembrada a organização de uma caixa de rezistencia destinada a amparar todas as victimas do patronato. A ideia foi desde logo abraçada com entusiasmo. Listas de subscrição foram distribuidas, alcançando um resultado devéras animador.

Agora a util iniciativa da caixa de rezistencia acaba de ser definitivamente sistematizada. A assembleia jeral de 29 de abril discutiu e aprovou as suas bases de acordo, e, de harmonia com elas, a classe, reunida a 17 de maio, escolheu para a respectiva comissão executiva os companheiros Manoel Real Pose, Aurelio Mourinho Duran e Perfecto Gonzalez.

Publicamos a seguir as bases da Caixa:

Art. 1.º — Fica instituida a Caixa de Rezistencia dos empregados em hotéis, restaurantes, cafés, pensões, cazas de pasto e de petisqueiras, bars, sorveterias e leiterias, com vida absolutamente autonoma e com a orientação que lhe for determinada pela classe reunida em assembleia jeral.

Art. 2.º — A Caixa de Rezistencia tem por fins:

a) — Prestar ativa e eficaz solidariedade a todos os companheiros victimas das lutas economicas e sociais;

b) — Quando, em consequencias de perseguições patronais, algum companheiro ficar impossibilitado de conseguir colocação nesta capital, a Caixa o auxiliará para que se retire desta para outro ponto do paiz ou para o exterior;

c) — Em cazos de movimentos parciais a Caixa prestara a necessaria assistencia aos companheiros neles envolvidos e ás suas familias.

Da administração.

Art. 3.º — A Caixa será administrada por uma comissão composta de trez membros, os quais distribuirão entre si os cargos de secretario jeral, secretario de atas e tezoureiro, durante o seu mandato trez mezes.

Art. 4.º — Compete á Comissão:

a) — Tomar todas as iniciativas para obtenção dos recursos materiais para que a caixa possa realizar integralmente o seu objetivo;

b) — Promover festivais, distribuir listas de subscrições voluntarias e apelar para a solidariedade das demais classes trabalhadoras; quando isto se tornar necessario;

Art. 5.º — O movimento de receita e despeza da Caixa será relatado em balancetes mensais, publicados no organ da classe, O COSMOPOLITA, e poderão ser discutidos na primeira assembleia jeral que se realizar apóz a sua publicação;

Art. 6.º — Quando se tornar necessario resolver assuntos de notoria importancia para os interesses da Caixa, o secretario convocará uma reunião, entendendo-se, porém, previamente, com a diretoria do Centro sobre a conveniencia do dia.

GRONICA SUBVERSIVA

Escalpelante panfleto-milhão

Magnífica publicação semanal

Redator unico: o camarada Astrojildo Pereira

APARECE AOS SABADOS

Assinatura por 12 ns. 1.000

Avulso 100

Endereço: Caixa postal, 1986 — Rio

LUTA SINDICALISTA REVOLUCIONARIA

(Meios e finalidades)

Carlos Dias promete-nos para muito breve, mais um opusculo de propaganda, daquela sua propaganda clara, macissa, comunicativa e entuziasta, que tanto se identifica com a justeza do seu carater sobranceiro e com a irredulibilidade do seu temperamento rijo, de combatente implacavel pela cauza proletaria e da Anarquia.

Aguardemos, pois, o livrinho que o « filho prodigo » da propaganda entre nós, nos vai oferecer por todo o mez entrante.

— «Seu» Carlos... tem a palavra...

U. J. dos Trabalhadores do Rio de Janeiro

Secretaria: Acre, 19

SÉDES DOS SINDICATOS ADERENTES:

União dos O. em Fabricas de Tecidos — Rua Acre, 19. Telefone N. 5754.

Sindicato dos Operarios das Pedreiras — Praça Tiradentes, 71.

União dos Metalurgicos — Rua Senador Pompeu, 160. Tel. N. 1324.

União dos Officiais Barbeiros — Largo do Rozario, 34.

Sindicato do Entalhadores — Rua do Senado, 215.

União dos Operarios em Calçados — Rua da Constituição, 21.

União dos Alfaiates — Rua da Alfandega, 182.

União da Construção Civil — Rua Gomes Carneiro, 14

Sindicato dos Marceneiros e Artes Correlativas — Rua do Senado, 215.

Liga Federal dos Empregados em Padaria — Praça Tiradentes, 71.

Centro dos Operarios Marmoristas — Praça Tiradentes, 71.

Sindicato Federal dos Manipuladores de Tabacos — Praça Tiradentes, 71.

Centro Cosmopolita — Rua do Senado, 215. Telefone C. 1499.

União dos Chapelheiros — Praça Tiradentes, 71.

União dos Maquinistas em Serriaria, Marcenaria e Carpintaria — Praça Tiradente, 71.

Cent. dos Trabalhadores da Ilha dos Governadores — Praia do Zumbi, 53.

FABRICA LEALDADE

— DE —

AGUAS E GAZOZAS

ESPUMANTE — BRIZA — SEM ALCOOL

— BEBAM GUARANA —

J. FRANKLIN

SUCO CAZOZO

18, Rua D. Manoel, 18

Telefone Central 652

CAFE' E BILHARES MINISTRO

Perfecto Gonzalez

Arcos, 24

TELEFONE C. 2462

Aberto até 1 hora da noite

Companhia Hanseatica

Bebam as cervejas
**Polar,
Cascatinha,
Iracema e Sumaré**

Fabricadas com agua da Tijuca, captada na
propria nascente

Fabrica de Cerveja Oriente
de José Vasquez Ferro
Rua Visconde do Rio Branco 30



GARIBALDI
Pitresco parc ao ar livre
(Entrada pela rua da Constituição 53)
TELEFONE C. 1673
Rio de Janeiro

Café e Bilhares do Campo

Casa especial em, café, chocolate, leite de Minas, mingaus, gemadas e ceias
ABERTO ATE' A' 1 HORA DA NOITE

José Antonio de Azevedo
R. Frei Caneca, 1

Canto da Praça da Republica e esquina da Rua Barão do Rio Branco
TELEPHONE: C. 3750

RIO DE JANEIRO

NÃO HA DUVIDA que é na CASCATA DO MINHO

a afamada casa de petisqueiras, sob a competente direcção do Passos, é o unico restaurante onde se pode comer bem e a preços modicos, nestes dias de apertada parcimonia...

RUA DO LAVRADIO, 11 - Telephone C. 4725

BEBAM

CAXAMBÚ

A soberana das
Aguas de Meza

RIO DÃO O vinho de me preferido

IMPORTADORES

J Ferreira & C.

Cerveja Park Bier. Estomacal e nutritiva
PRAÇA TIRADENTES, 27

CASA TIM-TIM POR TIM-TIM

ESPECIALIDADE EM PETISQUEIRAS A' PORTUGUEZA
E "COM ELLAS E SEM ELLAS" - ABERTO ATE' 1 HORA DA NOITE

Rua do Lavradio n. 41 - Telephone 3999
RIO DE JANEIRO

DURAN & BARBOSA

"Casa Rist"

Deposito excluzivo de productos nacionaes

VINHOS E CONSERVAS

Rua 7 de Setembro n. 77

Telephone 455-Central

BEBAM

SALUTARIS

A Rainha das
Aguas de Mez

Solidarios com os companheiros da Associação de Resistencia dos Cocheiros, Carroceiros e Classes Aneccas, na luta em que se empenham contra a Companhia Brahma, rezolvemos romper com esta Companhia as nossas relações, suspendendo o seu anuncio.

Se continuassemos a publicar semelhante anuncio, diante do ato da Companhia Brahma, que acaba de lançar á rua uma centena de trabalhadores, por terem sabido defender dignamente os seus direitos, seria da nossa parte um triste exemplo de deslealdade e traição á cauza proletaria. Os empregados de hotéis, restaurantes, cafés, bars, etc. não podem e não devem conservar-se indiferentes ao jesto de brutal autoritarismo com que a Brahma recebeu a justa reclmação dos seus empregados. Todos nós estamos ligados a esses companheiros pelos laços a mais estreita afinidade e sentimentos e de interesses porque como eles, vivemos sob o jugo capitalista, ao passo que nenhum laço nos pode unir á poderosa Brahma, propriedade de arjentarios ociosos que nada produziudo em beneficio da humanidade, uzufrem uma vida de gozos. Portanto, em reprezalia á Brahma, não vendamos os seus produtos!

